

A CIBERCULTURA PARA ALÉM DAS DICOTOMIAS

Alan Mocellim¹

Resumo: Neste artigo iremos introduzir uma discussão sobre a origem a cibercultura, e apresentar as principais posições no debate sobre sua interpretação, seu papel e suas consequências na contemporaneidade. Ofereceremos uma crítica às posições dualistas que entendem as tecnologias da informação de maneira normativa, como boas ou más, e proporemos que a superação destas dicotomias não pode ser encontrada num suposto realismo, ou em um “caminho do meio”, mas na aceitação do caráter historicamente contingente, e ambivalente, destas tecnologias.

Palavras-chave: cibercultura, sociedade da informação, contingência, ambivalência.

Desde já adiantamos que existe um problema ao se tratar a comunicação mediada pelo computador e, de modo mais amplo, a cibercultura. Esse problema consiste no normativismo dos autores diante do objeto estudado. Explicando melhor: não que a abordagem destes seja excessivamente ideológica, ou fundamentada em juízos morais, mas elas só levam em conta um dos lados da problemática. Alguns tratam apenas das vantagens e possibilidades positivas propiciadas pela rede de computadores, outros tratam apenas dos problemas e possibilidades negativas.

Tratar de apenas um lado dos fenômenos não chega a ser um problema se levarmos em consideração a impossibilidade de se abordar todos os lados de um fenômeno, porém, abordando apenas uma faceta deixa-se de lado o que há de contraditório e ambivalente num fenômeno. No caso da internet, a ambivalência é decisiva para o entendimento. Suas origens são contraditórias, nascendo ao mesmo tempo de uma cultura militar, e de uma cultura universitária libertária. Isso atesta que a internet não é um fenômeno unilateral, portanto exige uma abordagem que não seja unilateral.

¹ Alan Delazeri Mocellim é graduado em Ciências Sociais e mestre em Sociologia Política (UFSC) e doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail para contato: a.mocellim@gmail.com

A ambivalência é a possibilidade de classificar a um objeto ou evento como integrantes de mais de uma categoria e, mesmo que isto seja uma forma de desordem, é um elemento normal da linguagem. Bauman (1999) se vale da idéia de ambivalência para descrever a forma como a modernidade inaugurou uma busca incessante de classificação. Bauman sugere que “a existência é moderna na medida em que contém a alternativa da ordem e do caos” (p.14), e ressalta que a modernidade consistiu numa tentativa de impor a ordem num mundo que não é naturalmente ordenado – daí sua dificuldade de lidar com tudo que inclassificável, contraditório e ambivalente. A superação de um horizonte moderno, e desta forma a superação de perspectivas teóricas que afirmam uma clara distinção e definição da técnica e de seus horizontes, requer a aceitação de sua ambivalência, ou seja, de seu aspecto indeterminável, mas também contingente.

Voltando às definições de cibercultura, podemos notar que não existe um consenso. De um lado temos autores para os quais a cibercultura é apenas aquela sub-cultura da internet, que surge com ela e que se reproduz através dela. Para outros autores a cibercultura é a condição atual da cultura, pois toda a cultura global tem se convertido nela, tornando-se uma tecnocultura.

Os defensores da especificidade da cibercultura sugerem que ela é derivada de uma cultura dos criadores da internet, se referindo apenas a cultura propagada pela internet, e pelos seus criadores. Este é o ponto de vista de Castells (2004). Para ele a cibercultura é a cultura da internet, ou seja, a cultura que emergiu com a internet. Embora os grupos sociais que propiciaram a emergência desta cultura sejam distintos, eles convergem em muitos pontos, e a cibercultura é uma mistura de todas essas culturas. A cibercultura, assim, surge do confronto e encontro da cultura tecnomeritocrática, da cultura hacker, da cultura comunitária virtual e da cultura empresarial².

² Para Castells (2004, p.34-55) a cultura tecnomeritocrática é formada por pessoas com fortes ligações com a universidade e a ciência, é constituída por profissionais da área da informática. Suas características distintivas seriam: uma forte crença no caráter positivo, e até escatológico, do desenvolvimento científico e tecnológico; e também no fato de serem pessoas qualificadas em termos de capacidade de lidar com a tecnologia. A chamada cultura hacker diz respeito ao conjunto de valores e crenças relacionadas aos programadores que buscavam certa autonomia

Outros, no entanto, defendem que a tecnologia moderna ganha tamanha centralidade no mundo contemporâneo em que a própria cultura é redefinida. Esta posição sustenta que a disseminação dos meios de comunicação mediada pelo computador a um nível global – causando alterações profundas no cotidiano dos indivíduos, mas também na economia e nas dinâmicas das nações – é decisiva para a emergência de uma nova cultura. Para estes toda a cultura contemporânea é uma cibercultura. Lemos (2004), partindo de uma abordagem vitalista, e preocupado com o cotidiano da cibercultura, é um dos que compartilha dessa visão. Tomando a cultura contemporânea como uma sinergia entre o tecnológico e o social, a cibercultura é vista como uma convergência entre as formas de sociabilidade contemporâneas com as tecnologias microeletrônicas.³

Ambas as posições têm seus fundamentos e, em certa forma concordamos com elas, o que nos leva a formulação de uma terceira: pensamos que a cibercultura se expande cada vez mais, e integra todos que usam a internet. No entanto, existe também uma tecnocultura, que engloba a cibercultura, e que vem se desenvolvendo desde os primórdios da modernidade, com os processos de racionalização, com a revolução industrial, e com a dependência cada vez maior de sistemas peritos⁴ – em todos os âmbitos da vida social.

criativa para seus projetos, que buscavam, através da Internet, certa autonomia de ação, decisão, e liberdade de ampliação do conhecimento disponível pela rede. A cultura comunitária virtual é aquela que surgiu com os primeiros usuários da Internet que, através dela, criaram grupos e valores que vieram a orientar variadas práticas sociais na rede posteriormente. Um desses valores é bastante visível: o da possibilidade de comunicação livre e horizontal, independente de relações de poder e burocracias. Por fim, a cultura empresarial é aquela onde a inovação, visando lucro, é um fator fundamental. Os empresários da Internet são aqueles que, mais do que simples homens de negócios, valorizam o trabalho, a criatividade – buscando o lucro a partir de idéias.

³ Para Lemos (2004, p.101-126) a cibercultura surge com os impactos sociais da microinformática, mas não se trata somente disso. O autor argumenta que as origens da cibercultura já podiam ser vislumbradas nos processos de racionalização propiciados pela modernidade. Para ele a cibercultura tem origem num mundo “hiper-quantificado” e “hiper-racionalizado” e devido a isso tem seus primórdios na cultura moderna. Por outro lado, trata-se de uma ruptura com o paradigma técnico moderno e com os processos modernos de racionalização, e isso na medida em que favorece uma pluralização e descentralização do conhecimento.

⁴ Para Giddens (1991) os sistemas peritos são sistemas de excelência tecnológica, compreendendo competência técnica e profissional. Eles organizam e regulam a vida social moderna e se

Dito de outro modo, toda cultura também é técnica, e isso implicaria que toda cultura também é uma tecnocultura. Ora, se toda cultura incorpora elementos técnicos, e se a técnica é uma das principais dimensões do homem, já não se poderia se falar de uma distinção entre cultura e tecnocultura, pois essa já seria a própria cultura desde sempre. Para autores como Heidegger (2001), no entanto, o que caracteriza a técnica moderna – a diferenciando da técnica em geral – é justamente seu caráter técnico diferenciado, nomeado por ele como *Gestell*. Este caráter diferenciado implica uma racionalização e organização cada vez maior do mundo, e uma tomada da natureza como objeto destinado a ser explorado – como fonte de recursos.⁵

Concordando que a técnica moderna é uma ruptura com uma concepção tradicional de técnica, podemos concluir que a tecnocultura é inaugurada com a modernidade, caracterizando-a. Podemos cogitar que a cibercultura seria um outro “estágio” da tecnocultura – no qual esta é predominantemente caracterizada pela microeletrônica. Mas, dado que a cibercultura ainda não possui o caráter totalizante que a tecnocultura ganhou, abrangendo todas as esferas da vida cotidiana, podemos ainda entendê-la como uma cultura ligada ao uso das redes de comunicação informatizadas.

A partir dessa premissa geral, nas páginas que se seguem apresentaremos um breve panorama da emergência da sociedade da informação e, portanto, da emergência da cibercultura. Neste panorama iremos ressaltar o aspecto dual da cibercultura – dualidade que a caracteriza desde suas origens. Também abordaremos o deslocamento de uma concepção de técnica prometética para uma concepção fáustica, e como isso se relaciona

fundamentam na confiança dos usuários em sua eficácia, existindo enquanto continuarem a possibilitar a crença em seu funcionamento.

⁵ Heidegger (2001) sugere que a definição da técnica como um fazer humano, ou como um meio para se atingir determinados fins – ou seja, as definições antropológicas e instrumentais da técnica – não estão erradas. Elas estão corretas, porém não são o verdadeiro. Para o autor a técnica também é uma forma de desvelamento, ou seja, uma forma de compreensão do mundo, determinando assim uma concepção de verdade. Para além disso, no que tange à técnica moderna, ele sugere que sua especificidade é, através de uma organização sistemática, explorar a natureza como mero recurso à disposição do homem – a isso o autor chama de *Gestell*. Portanto, se a essência da técnica é ser um modo de desvelamento, a essência da técnica moderna é propiciar um desvelamento na forma de *Gestell*.

com a cibercultura. Será sugerido que a cibercultura é intrinsecamente contraditória, e por isso, mais do que uma abordagem que supere as dicotomias entre defensores e opositores da técnica é necessária uma abordagem que considere suas possibilidades – e desta forma levando em conta o caráter altamente contingente da técnica moderna.

As origens da sociedade da informação

A idéia de uma sociedade da informação tem suas origens na tentativa de enumeração do social, ou seja, na tentativa de mensurar quantitativamente os povos, civilizações, e mesmo as ações humanas. Isso não significa, contudo, que a informação seja um aspecto específico da sociedade moderna. Todas as sociedades humanas tiveram, necessariamente, que lidar com a informação - em suas diversas configurações históricas específicas - mas apenas com os processos de racionalização e organização típicos da modernidade, conjuntamente com seu caráter altamente reflexivo - no qual os conhecimentos são revisados e reorganizados a todo tempo (Giddens, 1997), e onde as consequências das novas tecnologias são altamente imprevisíveis (Beck, 2003) - é que a importância da organização da informação se tornada flagrante, e fundamental para a existência de todo um modo de vida.

Na modernidade, a emergência do modelo matemático e experimental como modo de verificação da verdade nas ciências torna a matemática a forma universal de conhecimento. Junto de um processo de racionalização que tomou conta das nascentes sociedades modernas existia a proposta de uma linguagem universal composta pelos números. O humano era tomado em sua universalidade, e a matemática como código universal pela qual a verdade deveria se manifestar. Nos séculos XVII e XVIII era, então, a matemática que sintetizava a idéia de uma informação acessível a todos. Nas palavras de Mattelart (2006a):

A idéia de uma sociedade regida pela informação está, por assim dizer, inscrita no código genético do projeto de sociedade inspirado pela mística do número. (...) O pensamento do enumerável e do mensurável torna-se o protótipo de todo discurso verdadeiro ao mesmo tempo que instaura o horizonte da busca pela perfectibilidade das sociedades humanas. (p.11)

Mattelart (2006a, p.18-24) sugere que a probabilidade, aliada à estatística aplicada pelo Estado (geoestratégica⁶, juntas trazem à centralidade o problema da informação no mundo moderno. Sua importância se manifesta na organização do Estado racional emergente, que se valia de dados de recenseamento e da organização esquemática do espaço para melhor gerir seu território e planejar suas defesas. Também o ideal do nivelamento igualitário da revolução francesa favorece a “disseminação da informação”. Regras, códigos e modelos deveriam ser, a partir dessa época, utilizados para compreender e organizar a sociedade. Nessa mesma época a instauração de um sistema único de pesos e medidas surgiu como uma alternativa ao caos.

Com a emergência de uma sociedade industrial, cientistas, industriais e políticos passam a se aproximar ainda mais, a “administração das coisas” passa a ser o paradigma dominante na organização dos negócios e do Estado, e a informação como forma de racionalização da sociedade avança mais uma vez. Porém, o que chamamos de sociedade da informação só poderia ser concebido em sua totalidade em meados do século XX, com os avanços dos meios de comunicação, com os debates teóricos sobre o caráter da informação, e com a emergência da cibernética configurando efetivamente um paradigma tecnoinformacional (Mattelart, 2006a, p.53-78).

Tudo isso se deve, sobretudo, ao diálogo entre cientistas e militares, principalmente nos Estados Unidos, visando o desenvolvimento de tecnologias de espionagem e controle, e também de comunicação em tempo real. O

⁶ A geoestratégica pode ser entendida através do pensamento do engenheiro de edificações Sébastien Le Prestre de Vauban (1633-1707). Ele liderou um processo de organização territorial/militar da França através de um sistema de mapeamento e fortificação. Vauban foi um dos disseminadores, no campo político, da ideia de que por meio do cálculo poderíamos encontrar uma alternativa ao caos e confusão em que o mundo se encontra normalmente. Para mais informações verificar Mattelart (2006a, p.20-23).

desenvolvimento, e aperfeiçoamento, de novas tecnologias era necessário para o enfrentamento do inimigo que era vislumbrado além do muro de Berlim, mas cuja presença era constante no imaginário social, e nos riscos que sua presença propiciava. Tal empreitada levou gradualmente ao surgimento de uma rede de comunicações mais complexa e abrangente. Primeiramente, em 1955, um sistema de comunicações nomeado como SAGE (Semi-Automatic Ground Environment System) foi inaugurado pela Força Aérea norte-americana: tratava-se de um sistema de computadores integrados, com comunicação em tempo real. Em 1958 foi criada pelo Pentágono uma agência de pesquisas conhecida como DARPA (Defense Advanced Research Projects Agency). Dez anos depois, essa agência, de modo a permitir um intercâmbio entre diversas equipes de desenvolvimento, criou a Arpanet, que posteriormente veio a se tornar a Internet⁷.

É no seio dessa “república dos especialistas em informática” que depende dos contatos federais e funciona ao abrigo do mundo exterior que se forma a idéia segundo a qual o modelo de sociabilidade que se desenvolveu em torno e por intermédio da Arpanet pode ser implantado no mundo ordinário. (MATTELART, 2006a, p.61)

O que conhecemos hoje como sociedade da informação é derivada, de maneira direta, da criação da Internet. Dessa forma, o modo como a Internet surgiu - de uma cooperação entre a cultura de jovens cientistas e universitários com agências militares e governamentais, ou como sugere Castells (2004, p.19), de uma “improvável interseção da *big science*, da pesquisa militar, e da cultura libertária” - delimitou decisivamente o que esta veio a se tornar atualmente, e também os discursos sobre o caráter da comunicação no mundo contemporâneo.

⁷ Os princípios organizacionais que orientam o funcionamento da Internet ainda hoje já haviam sido desenvolvidos na época da Arpanet: “uma estrutura de rede descentralizada; poder computacional distribuído através de nós de rede; a redundância de funções na rede para diminuir o risco de desconexão” (Castells, 2003, p.20). Esse sistema desenvolvido por cientistas representava as necessidades militares de um sistema flexível, com ausência de um centro de comando, e autonomia de cada nó da rede.

Aparentemente, as maiores inovações tecnológicas que levaram ao surgimento e consolidação da Internet foram originárias de centros de pesquisa e universidades, em ação conjunta com instituições governamentais. A Internet não teve sua origem no mundo dos negócios, pois se tratava, em seus primórdios, de um empreendimento de alto risco e poucas expectativas de sucesso, exigindo alto investimento e poucas perspectivas de lucros futuros significativos (Castells, 2004, p.19-26). O decisivo aqui é que mesmo que as pesquisas sobre a Internet tenham se desenvolvido por meio de recursos públicos, e visando objetivos militares e de organização governamental, a liberdade de pensamento e inovação não era reprimida, e pelo contrário, era estimulada.

Tudo isso possibilitou o deslocamento do uso da Internet do uso para que se destinava. Do uso militar, essa passou a ser utilizada como forma de comunicação pelos pesquisadores que trabalhavam em seu desenvolvimento, e, através destes, adaptada para o seu uso posterior por leigos:

A cultura da liberdade individual que floresceu nos campi universitários a partir das décadas de 1960 e 1970 usou a interconexão de computadores para seus próprios fins – na maioria dos casos buscando a inovação tecnológica pelo puro prazer da descoberta. (...) A rápida difusão dos protocolos de comunicação entre computadores não teria ocorrido sem a distribuição aberta, gratuita, de software e o uso cooperativo de recursos que se tornou o código de conduta dos primeiros hackers. (...) As universidades foram o terreno comum para a circulação da inovação entre redes exclusivas da big science e as redes contraculturais improvisadas que surgiram em todos os tipos de formato. Os dois mundos eram muito diferentes, mas tinham mais pontos de contato do que geralmente se pensa. (CASTELLS, 2004, p.25)

A sociedade da informação conta, já em suas origens, com uma ambivalência fundamental. Ao mesmo tempo em que houve um desenvolvimento de novas tecnologias para uso militar, houve também um cruzamento de uma cultura de pesquisadores e cientistas otimistas com a disseminação de novas tecnologias, com a cultura libertária das universidades

de onde eles vinham, e nas quais a Internet começou a ser utilizada como forma alternativa de interação.

Podemos dizer que as teorias da comunicação também são frutos da emergência de uma sociedade em que os meios de comunicação se diversificam e ampliam. Em meio ao desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, desenvolvia-se a reflexão sobre o caráter dos mesmos. Assim também, com a criação da Internet, e com a conseqüente comunicabilidade a nível global, vemos o aparecimento de uma cibercultura. O importante aqui é que, da mesma forma que nas origens da sociedade da informação, nas teorias da comunicação e da cibercultura também encontramos posições contrastantes.

Concomitante ao desenvolvimento das tecnologias da informação, e integrando o contexto na qual a Internet e outras tecnologias foram desenvolvidas, temos as teorias da informação, dentre as quais destacamos as de Claude Elwood Shannon e Norbert Wiener. A teoria de Shannon propõe que a comunicação consiste em reproduzir em um ponto uma mensagem selecionada em outro ponto. Seja no campo humano ou social, das máquinas, no campo biológico, a comunicação se refere a esse esquema linear e, de certa forma, matemático, de transmissão de dados, nos quais inferem alguns fatores de aleatoriedade. Com esse modelo instaura-se uma suposta neutralidade da comunicação e na informação, pois ela trata apenas de dados e não de conteúdos - a significação aqui não é importante. Segundo Mattelart "o modelo finalizado por Shannon induziu uma abordagem da técnica que a reduz a instrumento. Essa perspectiva exclui toda problematização que definiria a técnica em outros termos que não os de cálculo, planejamento e predição" (2006b, p.61).

Norbert Wiener, um dos fundadores da cibernética, anteviu o que seria a sociedade da informação, e sugeriu a necessidade de uma troca informacional sem barreiras. Para ele os processos informacionais atuam de forma similar nas sociedades, seres humanos, organismos humanos, máquinas, e em qualquer outra instância da natureza, sendo a diferença apenas semântica.

A cibernética teria como objetivo o desenvolvimento de uma forma de informação capaz de transpor essas diferenças semânticas. A máquina e o homem compartilhariam uma mesma capacidade de aprendizado (Weiner, 1970). Na cibernética a causalidade é circular, não há uma centralidade emissora, mas uma organização ou sistema descentralizado que emite e reemite a informação. Wiener sugere que a nova ciência da informação é a raiz de uma nova revolução industrial, nos levando, por meio dela, à promessa da libertação (Mattelart, 2006a, p.56-58; 2006b, p.65-67). Ambos, Shannon e Wiener, tinham uma confiança nas possibilidades de emancipação propiciadas pelas tecnologias da informação. Wiener ainda demonstrava reservas com relação às tecnologias entregues apenas às leis de mercado, porém isso não impede que eles vejam na ciência e no cientista, e na própria informação, um aspecto salvador.

De outro modo, e a partir de outra abordagem do problema da técnica e de sua repercussão sobre o social, temos com Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985) a teoria da indústria cultural. Para os autores os meios de comunicação operam um papel determinante sobre a conduta dos indivíduos membros da sociedade ocidental. Os meios de comunicação, inseridos como estão num meio cultural no qual prevalece uma lógica de mercado, acabam por seguir e propagar esta mesma lógica. Os resultados disso são uma uniformização da conduta, um condicionamento do pensamento à condição de receptor, e uma resignação a essa condição. Nesse contexto apenas o que é tecnicamente justificável importa, e a experiência perde seu valor em si mesma, sendo válida apenas enquanto mercadoria. Ao contrário da perspectiva dos autores das teorias da informação, os autores da teoria da indústria cultural – ou simplesmente teoria crítica – demonstram uma visão de crítica em relação às tecnologias da comunicação, e denunciam seu caráter opressor.

Temos aqui mais um campo de controvérsias sobre a comunicação. Qual a importância disso no que se refere à cibercultura? A ligação se encontra no fato de que o que chamamos de sociedade da informação, e também a

cibercultura, são ambos fenômenos que emergiram em meio a uma história contraditória que colocava em consonância as possibilidades negativas da tecnologia aplicada ao uso militar e as possibilidades libertadoras da tecnologia. Da mesma forma, o contexto cultural e teórico no qual essa história se desenvolveu era o de um embate entre defensores da técnica e seus críticos. As teorias da cibercultura desenvolveram-se nesse contexto, sendo herdeiras de uma ambivalência advinda de sua origem, tendo que reconhecer as origens contraditórias da Internet, mas também tendo que dialogar com as teorias da comunicação que as precederam.

A cibercultura entre a tecnofilia e tecnofobia

Os debates sobre a tecnologia, e mais especificamente sobre a cibercultura, sempre foram prejudicados pela oposição artificial e algo simplista entre duas oposições, comumente designadas como Tecnófilas e Tecnofóbicas, ou mesmo como Tecnoutópicas ou Tecnoapocalípticas.

Para os tecnófilos chegou a era da plena comunicação, da total congregação e inteligibilidade. Para eles as novas tecnologias vieram para reconstruir um ideal de comunidade perdido, para promover uma descentralização do poder e do conhecimento, expressando uma nova faceta à democracia. Para os tecnofóbicos quando a comunicação é possível em todo lugar, ela, ao mesmo tempo, deixa de ser importante em todos os lugares. Dentre os tecnófilos podemos encontrar autores como Pierre Lévy (1997) e Nicholas Negroponte (1995). Para eles a Internet tem como tarefa promover a democracia, e possibilitar uma redefinição do conhecimento. O conhecimento passa agora a ser coletivo e livre de uma centralidade. A atitude tecnófila dos escritos de ambos parece estar em conformidade com um credo humanista. Eles desejam que a Internet seja tomada pragmaticamente para corrigir os erros da modernidade. No entanto, o aspecto ainda mais utópico, ou mesmo distorcido no pensamento de ambos, é a insistência de que as práticas comunitárias e libertárias são a regra, e não a exceção, no ciberespaço. Tal

insistência parece um tanto apaixonada em seus escritos, beirando um ativismo, e deixando de lado, muitas vezes, um ponto de vista científico.

Dentre os tecnofóbicos podemos destacar Jean Baudrillard (1997), Paul Virilio (1993) e Arthur Kroker (2004). Na visão destes autores a Internet tem como consequências a dissociação do social, o individualismo, e o isolamento do indivíduo. A Internet aparece aqui como a culminação de um processo e virtualização do mundo, no qual o real é substituído cada vez mais pelo virtual. A cibercultura é o resultado do progressivo processo de racionalização que se deu na modernidade, ela é a maior mostra do monopólio da ciência e da técnica sobre as outras instâncias da vida. E de um modo ainda mais radical, a tecnociência estaria dedicada a um processo de superação da condição humana, e mesmo da vida. A atitude tecnofóbica está em conformidade com uma desconfiança pós-moderna para com a razão, a ciência e a tecnologia. Os defensores desta linha de pensamento são constantemente acusados de um desconhecimento do uso cotidiano da Internet e de outras tecnologias. Tal como os tecnófilos, suas teorizações muitas vezes são alheias a qualquer empiria, e sugerem um saudosismo em relação a um suposto passado menos técnico e mais comunitário.

Casalegno e Silva (2002) preferem se valer dos termos Tecnologias do Imaginário e Imaginário Tecnológico para explicar de modo mais claro como essa dicotomia atravessa, de maneira geral, a cibercultura. As Tecnologias do Imaginário são os meios de comunicação – cinema, televisão, Internet, e também a literatura – o Imaginário Tecnológico é o imaginário propagado por esses meios de comunicação no que tange ao papel ou futuro da tecnologia no mundo contemporâneo. Para estes autores as posições tecnófilas e tecnofóbicas se enfrentam em meio a uma cultura que também se posiciona sobre o tema. No cinema e na literatura, por exemplo, a emergência da cibercultura provocou um deslocamento de uma visão tecnoutópica para uma visão tecnoapocalíptica – a ficção científica contemporânea nunca é otimista⁸.

⁸ A ficção científica cyberpunk, explorada na literatura por Philip K. Dick, e que ganhou versões cinematográficas com Blade Runner e Minority Report, tende sempre a apresentar um futuro

Porém, para eles, a proximidade com as tecnologias do imaginário ou com o imaginário tecnológico acaba determinando tendências quanto a visão de mundo adotada. Os que são relacionados diretamente às tecnologias do imaginário - pesquisadores da área, cientistas - tendem a acreditar que basta aguardar pelo futuro, pois, com as tecnologias por vir tudo se resolverá. Os que se relacionam ao imaginário tecnológico - literatos, cineastas, escritores - tendem a ver a tecnologia com olhares desconfiados, e veem no retorno da atividade crítica um empreendimento necessário.

Apesar de diferenças em seus olhares sobre o mundo contemporâneo, ambos os grupos - tecnófilos e tecnofóbicos - compartilham um fator comum: desejam que sua visão seja a prevalecente enquanto linha de conduta. Os dois lados não aceitam que a técnica possa ser contraditória, ou ela é boa ou ela é má, ou suas consequências são favoráveis ao ser humano, ou são catastróficas. Aqui nos cabe ressaltar que ambas as posições tendem a ganhar uma maior visibilidade com a cibercultura, pois com ela a técnica se torna uma dimensão cada vez mais relevante no cotidiano e nas tomadas de decisão, mas também porque a cibercultura emerge de forma contraditória, combinando esperança e medo, no seu uso societário e militar.

Da cultura prometéica à cultura fáustica

Outra forma de abordar o problema é através da diferenciação entre duas tradições cujos ápices se dão em períodos históricos diferentes, a tradição prometéica e a tradição fáustica. A tradição prometéica é ligada de maneira direta a perspectiva Iluminista, e a Revolução Francesa. A tradição fáustica é aquela que promoveu uma desconfiança em relação as possibilidade da ciência e da tecnologia em trazer benefícios efetivos ao ser humano,

arruinado pelas consequências das tecnologias, sociedades de controle total ou de descontrole total. Também de inspiração cyberpunk temos filmes como Matrix, AI - Artificial Intelligence, e Terminator. Em todos eles é apresentado um futuro obscuro causado, diretamente ou indiretamente, pelo desenvolvimento de novas tecnologias. Para um maior aprofundamento no tema checar os textos de Adriana Amaral (2003a, 2003b).

tradição esta que culmina no pensamento de Martin Heidegger. Prometéicos encaram a dominação da natureza e o desenvolvimento técnico como favoráveis ao bem humano. Fáusticos esforçam-se em desmascarar o elogio da técnica, criticando e buscando ultrapassar o niilismo técnico, pois a técnica não seria útil a objetivos humanos (Martins, 1997, p.290).

Representantes, e primeiros expoentes, de uma perspectiva prometéica, Saint-Simon e Cournot viam na técnica uma ferramenta promotora de bem-estar para a humanidade. Para Saint-Simon “a técnica constituía o grande instrumento para o rápido e completo melhoramento da condição humana, em especial da classe mais numerosa e pobre”; e indo além disso, “uma sociedade científico industrial permitiria ultrapassar as estruturas de opressão e humana diagnosticadas por Rousseau e aceder a uma condição da sociedade e da história liberta de jugos” (Martins, 1997, p.291). O projeto prometéico se encontrava em congruência com a ambição moderna de organização racional do mundo, e também com o ideal baconiano de dominação da natureza.

Muitos dos defensores dessa posição acreditavam num crescimento material ilimitado, dentre eles Marx e Engels, discordando fortemente de críticos – também prometéicos – como Malthus, que sugeriam que as melhoras técnicas das condições de vida da espécie humana poderiam ter resultados catastróficos, especialmente com o aumento das populações. No campo positivista, Comte, por exemplo, acreditava que a efetivação dos ideais modernos e de a emergência posterior de uma sociedade pós-industrial fariam com que a preocupação com a conquista da natureza fosse substituída por uma preocupação moral e por uma melhora dos atributos morais humanos.⁹

(...) se a tradição prometéica pretende dominar tecnicamente

⁹ Apesar de ser comum a oposição, na sociologia, entre autores positivistas e marxistas, as visões de autores como Comte e Marx a respeito do papel da ciência na construção da modernidade eram bastante parecidas. Para ambos o desenvolvimento técnico e científico contribuiria de forma fundamental para o desenvolvimento. E a sociedade ideal, futura, seria orientada pelo conhecimento racional, técnico e científico, sendo esse conhecimento totalmente compatível com uma sociedade sem classes, ou moralmente superior.

a natureza, o faz visando “o bem humano” (...) este tipo de saber almeja melhorar as condições de vida dos homens através da tecnologia, graças a dominação racional da natureza. Confiantes no progresso, os defensores do prometeísmo colocam a ênfase na ciência como “conhecimento puro” e têm uma visão meramente instrumental da técnica. (...) os prometeístas consideram que há limites com relação ao que pode ser conhecido, feito e criado. (SIBILIA, 2002, p.44-45)

A visão fáustica da técnica é bastante posterior historicamente à visão prometéica. Segundo Martins (1997, p.306), a primeira formulação de uma visão fáustica da técnica e da ciência foi empreendida por Oswald Spengler (1980). Seu diagnóstico da técnica e da história propunha que o Ocidente estava em irreversível decadência, e que, inclusive, por meio da ciência e da técnica, o processo rumo ao fim da civilização seria iminente. Suas idéias, conjuntamente com as de Ernst Jünger, viriam a influenciar a filosofia de Heidegger, o qual formulou de maneira mais sofisticada uma crítica à técnica¹⁰.

De maneira geral, os teóricos fáusticos consideram que a ciência depende da técnica, e não o contrário. A ciência teria como objetivo apenas a manipulação da natureza para seu uso técnico posterior. Para eles a ciência não visaria o conhecimento nem a verdade, mas a previsão, ordenamento e

¹⁰ Para Heidegger (2001) a técnica é expressa usualmente de duas diferentes formas: a determinação instrumental e a determinação antropológica da técnica (p.12). Uma é a que entende a técnica como um meio para atingir um fim; a outra é a que entende a técnica como um fazer do homem. Ambas são corretas, mas nem por isso são verdadeiras - nenhuma nos revela o que é essencial na técnica, e especialmente na técnica moderna. Heidegger almeja alcançar a essência da técnica em sua relação com a verdade - a *aletheia* grega. Para ele, técnica é uma forma de desocultamento, ou seja, uma forma de compreensão do mundo, da qual deriva uma concepção de verdade. Diferente de outras formas de desocultar, o descobrimento técnico típico da modernidade toma a natureza como um reservatório a ser explorado. Heidegger designa como disponibilidade (*Bestand*) esse modo pelo qual a natureza apenas pode se apresentar como mera reserva produtiva. Se a essência da técnica é o desocultamento, a essência da técnica moderna é um modo específico de desocultamento nomeado por Heidegger como *Gestell* e se refere ao caráter sistêmico do desvelar técnico moderno. Também a ciência é empregada na modernidade com um novo sentido. Para ele, “a ciência grega nunca foi exata, porque segundo sua essência era impossível que fosse, e também não necessitava assim ser.” (2003, p.64) O próprio conhecer grego era diferente, e não podia exigir do que é conhecido que se mostrasse como objeto. A natureza como objeto só pode aparecer quando do conhecer se cobra uma precisão calculativa só permitida agora, pelo modo moderno de desvelamento. O homem emerge como sujeito simultaneamente à transformação da natureza em objeto a ser determinado. Assim como a emergência do subjetivismo, isso também leva à emergência do antropocentrismo, do homem “como centro de referência do ente como tal” (2003, p.74).

controle do mundo. E mais, a técnica moderna seria sempre “infinetista”, no sentido de que nenhum estado de coisas seria satisfatório e definitivo, sendo, desse modo, uma expressão da “vontade de poder”, ou mesmo, como nos sugeriu mais recentemente o cientista político Arthur Kroker (2004), uma “vontade de virtualização”¹¹. Tanto Heidegger quando Adorno & Horkheimer (1985) parecem concordar que a técnica moderna é expressão de uma “vontade de vontade”, cuja consequência é uma infinita apropriação e dominação na natureza.

(...) a tradição fáustica esforça-se por desmascarar os argumentos prometéticos, revelando o caráter essencialmente tecnológico do conhecimento científico: haveria uma dependência, tanto conceitual quanto ontológica, da ciência em relação à técnica. (...) os procedimentos científicos não visariam à verdade ou ao conhecimento da natureza íntima das coisas, mas somente à compreensão dos fenômenos para exercer previsão e controle. (...) A meta do atual projeto tecnocientífico não consiste na melhoria das ainda miseráveis condições de vida da maioria dos homens: ele é atravessado por um impulso insaciável e infinitista, desconhecendo explicitamente os limites que constroem o projeto científico prometético. (SIBILIA, 2002, p.47-48)

Até agora pensamos a origem destas tradições, mas agora nos convém pensar seus desdobramentos atuais. Atualmente os principais alvos das críticas fáusticas são as biotecnologias, bem como a informática. Aliás, a visão fáustica - diferentemente da dicotomia tecnofilia / tecnofobia que permanecem sempre em embate - acaba sendo uma visão hegemônica justamente porque as novas tecnologias são fáusticas. Por que elas são fáusticas? Porque anteriormente a ciência e a técnica visavam a melhora da condição humana através da ordenação e racionalização da natureza, da vida

¹¹ De modo bastante radical, Arthur Kroker sugere o fim da história humana e o início da história virtual. A técnica fáustica estaria destinada a promover a supressão da natureza humana. A vida seria agora uma dimensão superável, e a tecnologia teria o papel de substituí-la. Em meio a isso assistimos a uma virtualização cada vez maior das relações sociais e também do corpo humano. O desejo de virtualidade é aquele no qual o homem se entrega a máquina, de modo a se libertar da vida e da corporalidade.

social, e do corpo humano. Já as novas tecnologias, demonstram um impulso para a superação da condição humana, e por isso são fáusticas. Elas não se conformam mais com a melhora das condições naturais, mas almejam deter o poder criador de uma nova natureza.

Segundo Sibilia (2002) a técnica faústica busca transcender tanto a temporalidade quanto a espacialidade da condição humana. A superação da temporalidade se dá por meio das biotecnologias que visam à imortalidade; e a superação da espacialidade se dá por meio das tecnologias de comunicação que visam à virtualidade. O projeto faústico é o projeto de um pós-humano, que por meio da informação codificada nos genes e na comunicação global, transcende a natureza¹².

Para além das dicotomias

Para além das dicotomias entre tecnofilia e tecnofobia, e da visão de certa forma até evolucionista que sugere um deslocamento da técnica prometéica para a técnica fáustica, temos várias tentativas de superação dessas dicotomias, ou classificações consideradas muito pouco isentas de um posicionamento ou juízo de valor. A maioria das tentativas de superação dessas dicotomias são provenientes de debates sobre o caráter da cibercultura, e normalmente buscam estabelecer um “meio termo”, ou seja, uma visão conciliadora entre as visões atualmente conflitantes.

Um modo de tentar a superação destas dicotomias é o que Rüdiger (2007) chama de visão de Athena, em oposição às figuras de Prometeu e Fausto. Segundo ele não se trata de atribuir à técnica uma “aptidão”

¹² O pós-humanismo, às vezes também chamado de transumanismo, é uma corrente de pensamento que analisa o uso da ciência e da tecnologia - especialmente da biotecnologia, da neurotecnologia e da nanotecnologia - como formas de superar as limitações humanas. Devemos notar que há grande confusão no uso do termo, principalmente na dualidade do termo pós-humanismo, que pode significar, de um lado, a superação do humano, e de outro a superação de uma perspectiva filosófica humanista. Também há confusão quanto a diferenciação entre pós-humanismo e transumanismo. Sob este ângulo, o transumano é considerado o meio do caminho entre o humano e o pós-humano, sendo o transumanismo o estudo das formas de superação da condição humana rumo à uma condição pós-humana. Sobre o pós-humanismo recomendamos a leitura de Habermas (2004), Fukuyama (2003), e Sloterdijk (2000).

determinista para certas coisas, mas de uma perspectiva que mesmo considerando que a técnica tem um sentido bem antes de sua utilização – como alguns teóricos tecnofóbicos e prometéicos sugerem – pense a técnica como uma forma de mediação – e, portanto, incorporada em indivíduos, objetos e instituições – e que mesmo que tendo papel determinante na vida social, também é determinada por esta, numa relação dialética (p.31-33).

Vista desse modo, a técnica não é neutra, mas também não é boa ou má, por isto dependente de sua utilização em contextos sociais e históricos definidos. Rüdiger relaciona a visão de Athena com a visão crítica, de autores como os da Escola de Frankfurt. No entanto, mesmo buscando uma visão que rompa com as visões prometéicas e fáusticas, fica pouco claro o que a visão de Athena tem de diferente. Não se trata de uma síntese de ambas - não considerando a técnica nem um modo de uso da natureza visando o bem humano, e também não considerando a técnica como possuidora de um impulso infinitista destinada à superação do natural – mas de uma visão que sugere à análise das condições sociais específicas de uma época e de como a técnica se insere nela. Seria uma perspectiva empirista se não fosse sua filiação à teoria crítica, o que torna confusa sua distinção de uma visão fáustica.

Outra tentativa de superação de dicotomias no campo da cibercultura é feita por uma linha de pensamento que se denominou de tecnorealismo, que se coloca em oposição clara aos tecnófilos e tecnofóbicos. Os representantes desta perspectiva evocam uma postura analítica dos problemas tecnológicos, e mais especificamente da Internet, invocando a necessidade de evitar a crença de que as novidades tecnológicas são boas por serem novas, ou más por serem tecnológicas (Graham, 1999).

Na busca de um caminho do meio os tecnorealistas chegaram a elaborar um manifesto contendo suas principais premissas. Lemos enumera as oito premissas presentes em tal manifesto: 1) a tecnologia não é neutra; 2) a Internet é revolucionária, mas não é utópica; 3) o governo tem um papel importante na fronteira eletrônica; 4) informação não é conhecimento; 5) interligar as escolas não as salvarão; 6) a informação quer ser protegida; 7) o

público possui as ondas aéreas; 8) compreender a tecnologia deveria ser um componente essencial da cidadania global (2004a, p.248-251). No entanto, ao ler tais premissas percebemos desde já que elas apresentam problemas. Um desses problemas consiste no fato de que as idéias expostas como premissas dificilmente nos permitem diferenciar os tecnorealistas de tecnofóbicos ou tecnófilos - vários dos pensadores e teorias que o tecnorealismo pretende combater compartilham de idéias bastante parecidas. A conclusão de Lemos, em sua análise de tal perspectiva, é de que em suas premissas os tecnorealistas enunciam “apenas obviedades que, necessariamente, não os diferenciam de utópicos ou pessimistas” (p.254). E, além disso, muitas dessas premissas demonstram juízos de valor, são enunciadas sob a ótica de um “dever-ser” que os afasta ainda mais de um realismo.

Outra corrente que se propõe a superar tais dicotomias é o tecnosurrealismo. Este se pretende como uma forma de crítica tanto do realismo, quanto de qualquer outra perspectiva que se afirme como “a correta”. Lemos nos expõe uma síntese da crítica do tecnosurrealista R. U. Sirius aos realistas:

Para Sirius, todo realismo sem imaginação é mero reducionismo, sendo preciso muita imaginação para viver num fluxo de informação caótico que supera, em muito, nossa capacidade de entendimento. Não existe, portanto, tecnorealismo, já que não é possível, em meio à essa explosão da informação, a existência de um consenso sobre qual o método real, objetivo, imparcial de conhecermos nossa realidade sociotécnica. (...) No fundo, o problema, como afirma Sirius, não está na escolha legítima entre ser um otimista ou um pessimista. O real problema da cibercultura está no tecnosurrealismo dos que acreditam em tudo, e dos que não acreditam em nada. (2004, p.255)

De certa forma, podemos pensar que o tecnosurrealismo não chega a ser uma tentativa de superação de outras formas de encarar a cibercultura, mas uma expressão de sua impossibilidade. Expressa teoricamente a confusão causada pela disseminação da informação, e a impossibilidade de que diante de tantas diferentes facetas da sociedade contemporânea possamos distinguir qual a posição correta, real ou verdadeira.

Diante dessas tentativas, ou renúncias, que buscam uma superação das dicotomias acerca da cibercultura o que propomos aqui é a aceitação das dicotomias. Mas como assim? Então não há problema em ser tecnófilo ou tecnofóbico, prometeísta ou fáustico? De fato não há, pois a própria Internet - incluindo suas origens e seus usos - é contraditória. Não compartilhamos com a perspectiva tecnosurrealista a idéia de que diante de uma tamanha confusão é impossível distinguir o que é verdadeiro ou falso, porém concordamos com sua crítica para com as ambições dos realistas, otimistas e pessimistas.

O que propomos aqui é que diante de diversas contradições não devemos renunciar a qualquer perspectiva, pois a cibercultura mesma foi historicamente composta por esses choques de visões e ideais. Conforme ressaltamos anteriormente, a partir dos escritos de Castells (2004) e Mattelart (2006a), a cibercultura surge de forma ambivalente, florescendo em meio a uma cultura universitária que conjugava pesquisa científica e liberdade de pensamento, porém financiada e interligada ao Estado - o que incluía objetivos militares. Suas origens são dicotômicas, conjugando a criação inovadora e crítica do estado atual das coisas e um contexto de guerra eminente, no qual os cientistas da informação teriam papel fundamental. Com tais origens não é difícil pensar que as teorias que versam sobre a cibercultura também sejam dicotômicas.

Considerações Finais

Aqui a superação não é necessária, e é também inviável; o importante é a aceitação das dicotomias. As tecnologias da comunicação sempre foram paradoxais, e sempre tiveram interpretações opostas - por vezes otimistas, por vezes pessimistas - mas ambas incapazes de tratar o fenômeno em questão em sua totalidade. O mesmo se dá com as teorias da cibercultura; os diversos embates teóricos e suas posições contraditórias nos permitem evidenciar a contingência dos usos e consequências das novas tecnologias.

Observar o mundo e as tecnologias como contingentes significa observá-las sob uma nova perspectiva. Algo contingente é como é, mas também poderia ser diferente. E, no que concerne à técnica, concebê-la como algo contingente nos alerta para o fato de seus usos e significados serem frutos de interesses ocasionais, de desenvolvimentos históricos não necessários, de costumes delimitados, ou irracionalidades de qualquer tipo (Brüseke, 2002). Olhar a técnica como algo contingente implica a percepção de seu caráter aberto, de suas possibilidades diversas, e de um “jogo” entre determinação e indeterminação.

Mais do que uma superação em nome de uma perspectiva empirista, realista, analítica, ou crítica, é importante que saibamos nos valer da ambivalência, e a utilizemos a nosso favor. Há uma necessidade de que saibamos lidar com as contradições, e que sejamos capazes de captar os aspectos diversos de uma mesma tecnologia. Não é necessária a busca de um caminho do meio, mas o choque dos diferentes caminhos, levando em conta que ambos são amostras de uma parcela do que se dá em relação às tecnologias. A busca de um consenso definitivo aqui é inútil.

Pensando a partir de Hölderlin, Heidegger nos disse, a respeito da técnica (2001), que onde mora o perigo também mora a salvação, tal dito também nos vale para pensar as novas tecnologias da informação. Perigo e salvação andam juntos. Nem otimismo, nem pessimismo, a superação teórica é a aceitação do caráter ambivalente e contingente da técnica e, portanto, da tecnocultura contemporânea.

Referências Bibliográficas

AMARAL, A. Minority Report: rastreando as origens do cyberpunk. **BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2003a. _____ . A visão cyberpunk de mundo através das lentes escuras de Matrix. **BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2003b.

BAUDRILLARD, J. **Tela total: mito-irônias da era do virtual e da imagem**. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1997.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BECK, U. **Liberdade ou capitalismo**. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

BRÜSEKE, F. J. A modernidade técnica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.17, n.49, 2002. p.135-144.

CASALEGNO, F.; SILVA, J. M. Technologies de l'imaginaire et imaginaires technologiques. **Cahiers de L' Imaginaire**, n.20, 2002. p. 91-98.

CASTELLS, M.. **A galáxia da internet**. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

FUKUYAMA, F.. **Nosso futuro pós-humano: conseqüências da revolução da biotecnologia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1991.

GRAHAM, G. **Internet: a philosophical inquiry**. 1ª ed. Londres: Routledge, 1999.

HABERMAS, J. **O futuro da natureza humana**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001. p.11-38.

HEIDEGGER, M. La epoca de las imagenes del mundo. **Caminos del bosque**. 1ª ed. Madrid: Alianza, 2003. p.63-78.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. **A dialética do esclarecimento**. 1ª ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1985.

KROKER, A. **The will to power and the culture of nihilism**. 1ª ed. Toronto: Toronto University, 2004.

LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, P. **Tecnologias da inteligência**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

MARTINS, H. Tecnologia, modernidade e política. **Lua Nova**: revista de cultura e política. N.40-41, 1997. p.289-319.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2006a.

_____. **História das teorias da comunicação**. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 2006b.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RÜDIGER, F. **Introdução às teorias da cibercultura**: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SLOTERDIJK, P. **Regras para o Parque Humano**: uma resposta a carta de Heidegger sobre o humanismo. 1ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SPENGLER, O. **O homem e a técnica**. Lisboa: Guimarães, 1980.

VIRILIO, P. **O espaço crítico**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

WIENER, N. O homem e a máquina. Em: CAHIERS DE ROYAUMONT. **O conceito de informação na ciência contemporânea**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p.69-99.